

**ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: CAMINHOS E PERSPECTIVAS  
METODOLÓGICAS**

**TEACHING A FOREIGN LANGUAGE: WAYS AND METHODOLOGICAL  
PERSPECTIVES**

Eurípedes Humberto Borges<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Possui Especialização em Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís (1998), graduação em Licenciatura Plena-Português Inglês e suas Literaturas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (1989). Atualmente é professor - Faculdades Associadas de Uberaba, professor titular do Instituto de Línguas Universo, professor do CTSP (Curso Técnico em Segurança Pública) do 4º BPM/MG (Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais); professor concursado da Escola Estadual Professora Corina de Oliveira. Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre o Trabalho Docente (GEPEDOC), Linha de Pesquisa Ética e Trabalho Docente, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação Ética do Professor (FEP) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Estrangeira.

**RESUMO**

Este artigo, de características teóricas, tem por objetivo apresentar os diversos métodos de ensino criados ao longo dos anos, propiciando ao professor universitário uma metodologia de ensino de línguas estrangeiras que, adaptada ao conteúdo e às necessidades dos discentes, possibilite êxito no processo ensino/aprendizagem vinculado à formação continuada. Para fundamentar teoricamente essa discussão, foram consultados os autores Puren, 1988, Germain 1993, Mackey 1965, Chavez, 2004, Leffa 1998 a 1999, Brown, 2001, entre outros. Com a leitura de tais autores, pode-se indicar as ideias pertinentes aos métodos de ensino de língua estrangeira. Diante disso, as ideias apresentadas tendem a orientar os professores a procurar, sempre, métodos que possam facilitar a interação entre docente e alunos de uma maneira prazerosa, segura e criativa em sala de aula, mesmo que seja preciso averiguar, modificar adaptar e/ou transformar os métodos já existentes, sem provocar a nulidade desses. O texto, portanto, esclarece os professores acerca da importância destes métodos que, criados há tempos, ainda estão sendo usados atualmente. Enfatiza que a motivação é um dos fatores principais para a aprendizagem de línguas estrangeiras, e fomenta o interesse pela leitura e a pesquisa com o objetivo de melhorar a metodologia de trabalhos acadêmicos e de alcançar, com eficiência, todo o processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Metodologia. Ensino/aprendizagem. Línguas estrangeiras.

**ABSTRACT**

This article of theoretical characteristics aims at presenting the various teaching methods developed over the years, giving to the professor a methodology of teaching foreign languages that once adapted to the content and to the needs of students, it can enable success in teaching / learning process linked to continuing education. To substantiate theoretically this argument, the consulted authors were Puren, 1988, Germain 1993, Mackey 1965, Chavez, 2004, Leffa 1998 to 1999, Brown, 2001, among others. With the reading of such authors, it may indicate the ideas relevant to methods of teaching foreign languages. Thus, the ideas presented tend to orient professors to seek, always, methods that can facilitate interaction between faculty and students in a creative, safe and pleasant way in the classroom, even if it is necessary to examine, modify, adapt and / or transform the existing methods, without causing any invalidity thereof. The text, therefore, clarifies to the teachers about the importance of these methods that, created long ago, are still being used presently. It emphasizes that motivation is a major factor for foreign language learning, and fosters interest in reading and research in order to improve the methodology of academic works and to achieve, with efficiency, all learning process.

**Keywords:** Methodology. Teaching/learning. Foreign languages.

A escolha de uma metodologia adequada com a finalidade de facilitar a compreensão de qualquer abordagem linguística é indispensável no ensino de línguas estrangeiras, proporcionando, assim, uma formação continuada, eficaz e de fácil interação entre alunos e professores.

Este artigo tem por objetivo informar, orientar e comentar as diversas metodologias criadas ao longo dos anos, mas que ainda contribuem efetivamente para o entendimento e a prática docente no processo de ensino e aprendizagem em língua estrangeira.

Muitos termos foram criados para expressar ideias e conceitos prevaletentes em uma determinada época. Com o passar do tempo e o progresso dos conhecimentos metodológicos científicos, modificam-se os conceitos, os métodos, e novas teorias e doutrinas substituem as antigas.

Os termos antes criados, contudo, permanecem no vocabulário e continuam sendo utilizados nos dias atuais com novos significados ou abordagens, podendo ser adaptados e/ou modificados conforme a necessidade.

Espera-se que, com essa análise, o entendimento por parte dos alunos e dos professores possa traçar com maior propriedade um norte para, de fato, conduzir a uma aplicabilidade, ao proveito e, sobretudo, a uma satisfação pessoal e profissional.

Segundo Germain (1993), as primeiras provas da existência do ensino de uma segunda língua remontam à conquista gradativa dos sumérios pelos acadianos - do ano 3000 a.C., aproximadamente até por volta do ano 2350 a.C. Os acadianos adotaram o sistema de escrita dos sumérios e aprenderam a língua dos povos conquistados.

O conhecimento do sumério constituía um instrumento de promoção social, dando acesso à religião e à cultura da época. A aprendizagem do sumério dava-se, no entanto, essencialmente através da escrita em língua suméria, o que não correspondia à língua usada pelos alunos em suas práticas cotidianas. Trata-se, realmente, do primeiro ensino de uma língua estrangeira de que se tem registro.

Ao longo do histórico da metodologia de ensino, foram criados vários procedimentos adequados a essa atividade que utilizavam processos comuns, objetivando adquirir, sistematizar e transmitir conhecimentos, principalmente a partir do século XIX. Os métodos utilizados tiveram resultados positivos, parcialmente positivos ou indicaram novos caminhos a serem seguidos.

Desde o século XVIII até meados do século XX (e até hoje na maioria das escolas de ensino médio), a metodologia predominante foi sempre um misto de tradução e gramática. Essa abordagem, calcada na ideia de que o aspecto fundamental da língua é sua escrita, e de que esta é determinada por regras gramaticais, teve sempre como objetivo principal “explicar a estruturação gramatical da língua e acumular conhecimento a respeito dela e de seu vocabulário, com a finalidade de se estudar sua literatura e traduzir” (SCHÜTZ, 2006).

A sequência de controvérsias entre seus criadores a respeito de como elaborar, desenvolver novos métodos idôneos que alcançassem perspectivas para um melhor entendimento, e que estes pudessem transformar-se em instrumentos valiosos, facilitando encaixar esforço físico e mental como um sistema de descobrimento e comprovação da verdade, impulsionou a busca por um método de ensino satisfatório. Entretanto, essa busca continua, visto que a definição e a escolha de um determinado procedimento pode variar segundo a área de conhecimento e sua respectiva aplicabilidade no ensino.

Mesmo com toda a inquietação sobre qual método seria o mais adequado, o da abordagem da gramática e da tradução, o da abordagem direta, o método audiolingual, o método natural ou o método funcional e/ou comunicativo conhecidos desde sua criação, estudiosos não chegaram ainda a uma conclusão eficiente. Assim, acredita-se que cada método criado pode, de certa forma, resolver temporariamente a necessidade de seu uso em um dado momento e em uma circunstância apropriada.

A oralidade foi um dos primeiros métodos utilizados. Todas as línguas modernas espelharam-se no Latim com uma metodologia de frases isoladas oriundas da língua materna em função da gramática, e com um princípio didático de ordem natural, sensualista e de prazer.

Porém, as metodologias utilizadas, mesmo com prazos extensivos até então, não mostraram resultados tão positivos quanto o esperado. Embora tenham criado métodos subsequentes, com o objetivo de melhorar e até substituir os já existentes, nenhuma metodologia apresentou avanços expressivos que pudessem provocar a nulidade das demais. Estudos apresentam e comprovam a informação de que em longo prazo, no que diz respeito à compreensão oral dos alunos, os resultados não se encontravam significativamente superiores aos das metodologias anteriores (PUREN, *apud* GERMAIN, 1993).

É importante ressaltar que, no início do século XX, não havia interesse em estudar línguas. Dificilmente eram oferecidos cursos em escolas, institutos, faculdades e universidades como atualmente. Pressupõe-se que era um fator prejudicial à execução dos métodos utilizados e que, conseqüentemente, era gerador de dificuldade para a averiguação de sua aplicabilidade e maior precisão.

A demanda para um determinado curso era feita pela afeição cultural e literária de um determinado país. Outros fatores que contribuíram para o aumento da procura de línguas estrangeiras foram o *status* social, a necessidade de comunicação por meio de correspondências com países estrangeiros, viagens, transações comerciais, trabalhos realizados para pequenos e seletos públicos.

Tais contribuições assemelham-se às necessidades atuais, porém com uma grande diferença: têm-se ofertas abundantes de vários tipos de instituições de ensino, facilidades de pesquisa e comunicação, e recursos didáticos e tecnológicos que funcionam, proporcionando rapidez e eficiência no processo de ensino e aprendizagem ao alcance das variadas situações sociais do Brasil.

Portanto, a aprendizagem de línguas no início do século XX, não interessava a todos, e os poucos que dela necessitavam tinham objetivos diversos, tais como o de lazer, comercial, intelectual e, principalmente, o acadêmico, que os motivavam e conduziam para uma aprendizagem com abordagem focada na oralidade, na gramática, na tradução de textos literários, comerciais, informativos, de correspondências pessoais, entre outros.

Isso lhes garantia uma ampliação nas literaturas estrangeiras e, conseqüentemente, melhor compreensão nas quatro habilidades exigidas (expressão oral e escrita, compreensão leitora e auditiva) para o domínio de qualquer língua estrangeira.

Com isso, podemos notar que a metodologia a ser utilizada no ensino da língua estrangeira estará intimamente ligada aos objetivos propostos na aprendizagem, ou seja, a utilidade que se fará da língua, a leitura de literatura estrangeira, a oralidade, a tradução de textos, entre outros.

Diante desse cenário, pode-se certificar claramente que as línguas há muito tempo estão presentes em nossa sociedade, exigindo métodos simples e funcionais, capazes de auxiliar no desempenho de suas aplicações. Portanto, é vital para o docente conhecer e dominar um método que seja adequado para a utilização em uma língua estrangeira em um

determinado momento de suas atividade profissional para facilitar sua efetividade no processo de ensino e aprendizagem.

É válido reafirmar que “o ensino de línguas deveria antes visar o gosto pela cultura e literatura do povo estudado, o que seria mais bem conseguido em versões atualizadas da Abordagem da Gramática e da Tradução.” (MACKEY, 1965, p. 148). A evidência dessa necessidade é muito antiga, e sempre apresentou dificuldades para o processo de aprendizagem. Analisando a escassez de recursos facilitadores para a aprendizagem e seu desenvolvimento, confirma-se que o tempo para uma determinada pessoa dominar um idioma estrangeiro era, no mínimo, o dobro do nosso, salvo exceções, fato esse que confronta diretamente as afirmações de Germain (1993).

As primeiras escolas brasileiras ensinavam português, latim, francês e inglês como ensino oficial a partir do Decreto de 22 de junho de 1809. O reconhecimento maior de línguas estrangeiras, tais como o espanhol, o italiano, o alemão, entre outras, cresceu no final do século XX. Neste terceiro milênio, a globalização consagrou o uso definitivo das línguas estrangeiras. Atualmente, até mesmo uma língua milenar, o mandarim chinês, encontra-se em destaque no âmbito comercial.

Chagas (1982) analisa o percurso histórico do ensino de línguas no Brasil, dividindo-o em duas fases distintas: “antes de 1931” e “depois de 1931”, devido à criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, seguida da Reforma Francisco de Campos no ano de 1931.

A curiosidade provoca a formulação de perguntas simples, mas coerentes: qual método funcionava melhor no início do século XX? As pessoas conseguiam aprender essas línguas de uma forma precisa sem a tecnologia que temos hoje? Pode-se afirmar que tal realização era possível, todavia com certa dificuldade, pois o ensino ainda era calcado na sequência de tradução, gramática, leitura e análise, conforme afirma Chagas (1982).

Acredita-se que tanto os professores quanto os alunos de uma forma ou de outra sempre buscaram métodos que lhes indicassem uma melhor abordagem linguística, ainda que à custa de muitos esforços, dedicação ou necessidade de comunicação com os povos estrangeiros. E, para isso, eles não contavam com nenhuma tecnologia, mas de alguma forma eram utilizados métodos que funcionavam e facilitavam o ensino/aprendizagem.

Praticamente não há ensino e aprendizagem sem a aplicação de um método que possa nortear essa educação. A motivação é um fator básico tanto para a aprendizagem quanto para a aquisição. A aprendizagem é um processo no qual se pode realizar o desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicação de regras, ao passo que a aquisição é o desenvolvimento espontâneo da segunda língua, normalmente obtido através de situações reais, sem esforço consciente.

Independentemente do método utilizado, o êxito do desenvolvimento e da conclusão de um curso de língua estrangeira em uma determinada faculdade, universidade ou mesmo em academias especializadas de línguas depende diretamente do engajamento no processo por parte dos alunos. Também é fundamental que estes sejam capazes de se responsabilizarem por seu melhor aproveitamento para que as metas sejam alcançadas e os conteúdos ministrados compreendidos de forma elucidativa, produtiva e efetiva.

Caso os discentes não tenham interesse, o processo de ensino e aprendizagem não proverá um desempenho correspondente às expectativas do curso em andamento, já não só de línguas, mas de qualquer outra área acadêmica.

Como consequência, os discentes apresentarão menor aproveitamento e isso ocasionará um tempo maior para a finalização desse ou daquele curso, devido às dependências em períodos anteriores. Pode resultar, como consequência drástica desse processo, a desistência do curso por parte do aluno, com a alegação de não ser bem aquilo que ele esperava e, por essa razão, a busca de novos caminhos em outras instituições de ensino que apresentem propostas inovadoras, com as quais possa satisfazer seus desejos.

A evasão de estudantes do Ensino Superior é um dos principais problemas da educação brasileira, o que causou um prejuízo estimado em 9 bilhões de reais na economia do País somente em 2009. Esses são alguns dos dados analisados pelo pesquisador Oscar Hipólito (2012), ligado ao Instituto Lobo, por meio do Censo que o Ministério da Educação (MEC) realiza anualmente com as instituições de Ensino Superior no Brasil.

Trata-se de um dado alarmante que, ao mesmo tempo, contribui para uma reflexão mais séria por parte de diretores, coordenadores e docentes de qualquer tipo de Instituição no Brasil. Pode-se inferir por meio dessa informação que parte da responsabilidade pelo êxito dos ideais, tanto dos docentes quanto dos discentes, depende de todos em um esforço comum

e na busca contínua por métodos mais eficientes, que possam interagir de forma efetiva para um melhor desenvolvimento no processo ensino e aprendizagem.

Os alunos do passado podiam aprender tão bem quanto nós, hoje. Por essa razão, podemos notar que os professores de outrora fizeram maravilhas em sua época e, inclusive, deixaram modelos e métodos eficientes, que foram e são aplicados até os nossos dias.

Diante do exposto, cabe uma pergunta intrigante: quais métodos funcionaram? É possível acreditar que obtiveram êxito, primeiramente com a comunicação oral, a tradução e a gramática, como afirma Chagas, (1982).

O contato e a necessidade de comunicação eram a base essencial para a internalização de uma língua estrangeira com certa precisão, pois já se faziam normalmente transações comerciais, relacionamentos diplomáticos, viagens internacionais.

Porém, a falta de profissionais habilitados na área de línguas estrangeiras se fazia presente por vários motivos, sendo eles: pouca oferta de escolas de línguas, poucos alunos interessados e materiais didáticos raros.

Tais fatores implicaram o aumento da demanda por professores mais capacitados, a fim de assegurar uma aprendizagem mais eficiente, com a utilização de métodos mais apurados e que exigissem a criação de novos livros didáticos para garantir o êxito dos profissionais necessitados de conhecimento linguístico efetivo.

O desenvolvimento das quatro habilidades necessárias para uma boa comunicação - expressão oral e escrita, compreensão leitora e auditiva - era fundamental. Conforme afirma Chavez (2004, p.5): “É muito provável que o professor tenha surgido nesse momento”. A demanda começava a aumentar, bem como a exigência de profissionais habilitados na área de línguas estrangeiras. D. João VI, príncipe regente de Portugal, ordenou que fosse criada uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa, cujo professor de inglês foi designado oficialmente pelo Imperador, conhecido como Jean Joyce, padre de nacionalidade irlandesa.

Possíveis questionamentos sobre os métodos didáticos impostos por Jean Joyce eram esperados. Qual método era utilizado pelo professor em suas aulas? Seria somente a oralidade? Seguramente, o início do ensino de inglês teve como finalidade a prática oral. Esta era somente para capacitação de profissionais brasileiros para a demanda do mercado de trabalho através das relações comerciais com nações estrangeiras, especialmente com a Inglaterra.



Pressupõe-se que Jean Joyce, como primeiro professor de língua inglesa no Brasil, não deve ter tido muita opção de escolha, fazendo a busca do método mais apropriado para o desenvolvimento de seu trabalho. (OLIVEIRA, 1999).

Para Leffa (1999), o ensino de francês e inglês apresentava um grande problema: a falta de metodologia adequada. De fato, a falta de um profissional qualificado para exercer a profissão contribuía expressivamente para a não aplicação de um método adequado, que viesse a proporcionar qualquer tipo de desenvolvimento linguístico eficiente e, conseqüentemente, um ensino e aprendizagem de qualidade.

Deduz-se que poucos conheciam os métodos já criados. Para tal eficiência, seria preciso um estudo mais profundo e crítico das metodologias e, para isso, necessitava-se de informações precisas dos métodos já existentes.

O professor deveria dominar apenas um determinado método, mas era preciso muito mais do que isso: conhecer seu ambiente de trabalho, o perfil de seus alunos, conhecimentos gerais sobre as metas a serem alcançadas, saber adaptar, modificar, ampliar, dominar o conteúdo a ser ministrado e saber tomar as devidas decisões para facilitar, auxiliando seus discentes no momento exato de cada situação.

Para êxito total, era indispensável o domínio dos métodos existentes.

A intenção não é doutrinar o professor no uso de um determinado método, mas informá-lo das opções existentes. Cabe a ele, partindo de sua experiência, das características de seus alunos, e das condições existentes, tomar a decisão final. (LEFFA, 1988, p. 211).

Embora muitos possam pensar de modo diferente, a utilização de um ou mais métodos não ocorre por acaso, e sim no momento preciso onde se possam verificar dificuldades de aprendizagem dos alunos nas vastas dimensões do processo ensino/aprendizagem.

Cabe ao professor, na função de facilitador, buscar as melhores formas para a capacitação de seus alunos. Ressalta-se, ainda, que não existe sala de aula com turma homogênea de uma maneira geral, e que cada aluno pode apresentar um grau de dificuldade ímpar, salvo exceções. Não se deve pensar em um método único de forma generalizada.

A seguir, apresenta-se uma síntese das principais metodologias que marcaram o ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Pretende-se mostrar os princípios que embasam

certas metodologias, o papel do professor e do aprendiz. Salienta-se a necessidade desse conhecimento no processo ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Sugere-se aos docentes um estudo mais amplo, pois existe uma dificuldade terminológica para conceituar método, metodologia e abordagem. Para Puren (1988), é chamado de método o próprio material de ensino; a metodologia estaria em um nível superior, englobando os objetivos gerais, os conteúdos linguísticos, as teorias de referência, as situações de ensino e subentendendo a elaboração de um método. O termo abordagem (“*approach*” do inglês) é definido por Leffa (1988) como os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem.

Nesse aspecto, adota-se, portanto, o termo metodologia ou abordagem para designar a forma como o ensino de língua estrangeira vem se processando ao longo dos anos, conforme apresentado no Quadro 1. Os dados abaixo estão relacionados conforme informação obtida na Internet, de Stephen e Cestaro (1999):

**Quadro 1**

|  |   |
|--|---|
| <p><b>1. A Abordagem da Gramática e da Tradução (AGT)</b></p>                        | <p>Tradicionalmente conhecida como “método”, a AGT tem sido a metodologia com mais tempo de uso na história do ensino de línguas estrangeiras, e a que mais crítica tem recebido. É uma abordagem dedutiva, sempre partindo da regra para o exemplo. O objetivo da AGT era levar o aluno a apreciar a cultura e a literatura da língua dois (L2). A AGT surgiu com o interesse pelas culturas grega e latina na época do renascimento, e continua sendo empregada até hoje.</p> |
| <p><b>2. Abordagem Direta (AD)</b><br/><br/><b>Introduzido no Brasil em 1931</b></p> | <p>É quase tão antiga quanto a AGT. O princípio fundamental da AD é de que a L2 se aprende através da L2. A língua materna nunca deve ser usada na sala de aula. Surgiu como uma reação à abordagem anterior e evidências de seu uso datam do início do século XVI.</p>   |
| <p><b>3. O Método da Leitura (AL)</b></p>  | <p>Expandiu-se pelas escolas secundárias dos Estados Unidos na década de 1930, tendo permanecido até o fim da II Guerra Mundial. Nesse método, a habilidade da fala era apenas um objetivo secundário. O objetivo da aprendizagem de línguas deveria ser essencialmente prático. Permaneceu até o fim da II Guerra Mundial.</p>   |
| <p><b>4. O Método Audiolingual</b></p>   | <p>Baseia-se nas seguintes premissas: a) língua é fala e não escrita; b) língua é um conjunto de hábitos; c) ensine a língua, não sobre a língua; d) a língua é o que os falantes nativos dizem, não o que alguém acha que eles deveriam dizer; e) as línguas são diferentes. Esse método surgiu durante a II Guerra Mundial.</p>   |

|  |  |
|--|--|
| <b>5. O Método Natural</b>                   | Tem por objetivo desenvolver a aquisição (uso inconsciente das regras gramaticais) da língua em vez da aprendizagem (uso consciente). Dessa forma, a fala surgirá naturalmente, sem pressão do professor. A premissa básica é que o aluno deve receber um acionamento linguístico quase totalmente compreensível, de modo a ampliar sua compreensão da L2  |
| <b>6. O Método Funcional ou Comunicativo</b> | Defende a aprendizagem centrada no aluno, não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula. O professor deixa de exercer seu papel de autoridade, de distribuir conhecimento para assumir o papel de orientador. O aspecto afetivo é visto como uma variável importantíssima no processo, e o professor deve mostrar interesse pelos anseios dos alunos, encorajando-os à participação e acatando suas sugestões. |

Os métodos citados no Quadro 1 foram e são utilizados desde sua criação, com o propósito de: fornecer norteamentos que possam facilitar a interação entre professores e alunos na sala de aula de forma harmoniosa, dinâmica, lúdica, informativa, comunicativa e, sobretudo, humana.

As trocas de conhecimentos, avaliações críticas de trabalhos e produções de textos, dentre outras, tiveram, a partir de então um caminho frutífero no processo ensino/aprendizagem, com a construção de novos métodos didáticos que puderam vir ao encontro de suas próprias necessidades de empoderamento intelectual e profissional.

Pode-se afirmar que todo método, antigo ou recente, tem um objetivo: fornecer metodologia funcional para o ensino de línguas. Porém, depende da necessidade de uso a escolha de qual método é mais adequado para um determinado ensino. É um momento ímpar, onde professores e alunos se sentirão realizados por terem alcançado o caminho certo.

Com isso, percebemos claramente que o método deve ser escolhido segundo uma determinada necessidade de utilização em um dado momento. Porém, se fosse realizado um estudo no passado sobre esses métodos, seriam encontradas imparcialidades visuais: uma nulidade teórica que, com certeza, indicaria uma das principais dificuldades encontradas para a verificação da eficiência dos métodos criados até o momento.

Tudo isso causado pelo protecionismo de seus criadores ou seguidores, que buscavam defender-se com base na correção das metodologias anteriores consideradas erradas com relação às suas novas criações.

Os defensores ou adeptos dessa perspectiva metodológica buscavam a negação da validade dos métodos apresentados. Cada nova metodologia de ensino era defendida como uma revolução que pretendia corrigir os erros das anteriores (PRATOR, 1979). É óbvio que prevalecia o interesse de quem a defendia.

Mas seria isso correto? Será que, de fato, em cada época em que surgia um novo método, este substituíria os demais? Seria então uma sequência de anulações? Qual método o acadêmico deveria adotar com maior precisão?

Para essas inquietações, é preciso pensar e repensar para buscar uma resposta que seja, no mínimo, convincente. O graduando não pode esquecer que até mesmo para responder a uma pergunta deve-se ser coerente com a metodologia ensinada. Caso contrário, qualquer aluno na sala de aula poderá contestar que sua explicação não é idônea com a afirmação realizada anteriormente. Tal fato traz constrangimentos para o professor e desconfiança para o alunado.

Quanto à sequência de anulações de métodos aplicados, trata-se apenas de negações dos autores com relação à validade de um método anterior, simplesmente como forma de defesa, protecionismo, e que, de forma alguma, implicaria a busca de uma solução adequada para a sedimentação das informações.

Em sua grande maioria, os métodos são práticos e continuam sendo usados por nós, professores e alunos, no âmbito do trabalho docente.

Portanto, a escolha da utilização de um método didático deve ser feita de acordo com o momento em que se pratica a ação docente.

Pode-se, assim, lançar mão de métodos que possam auxiliar ainda mais a eficiência de trabalhos individuais ou em grupos de pesquisa. No entanto, persiste uma preocupação até mesmo exagerada sobre qual metodologia deve ser utilizada em um momento de incerteza, para que o desempenho profissional tenha maior interação entre professores e alunos.

Questões relacionadas a métodos de ensino despertam interesse, curiosidade e fascínio no ensino de línguas estrangeiras. Qualquer pessoa que faça um breve estudo histórico sobre o ensino de línguas estrangeiras perceberá facilmente que a busca por um método didático perfeito foi durante muito tempo uma obsessão. (BROWN, 2001).

Alguns pontos sustentáveis para a adoção de uma língua estrangeira, bem como de uma metodologia adequada em certa região, ocorrem por meio dos anseios das comunidades

no aspecto de conservação cultural, socioeconômica, das diversidades e colonizações de determinadas regiões e da necessidade de aproximação de inter-relações pessoais ou comerciais com outros países.

Portanto, estabelecer uma metodologia simplesmente engessada em um plano de aula vinculado a um cronograma não será necessariamente a solução para o sucesso do processo ensino/aprendizagem. É preciso ir além. Nesse momento, o professor deve ter autonomia de escolha, capacitação para a criação de métodos adequados que proporcionem êxito na aplicabilidade de seu trabalho junto aos seus alunos para que possa alcançar a meta estabelecida referente ao desenvolvimento e à ampliação de conhecimentos.

Não obstante, é preciso tomar cuidado para não acreditarmos que por si só a metodologia resolve os problemas da trajetória acadêmica. Existem fatores importantes que somam forças para o desempenho da aprendizagem, tais como atitudes, valores, formas de pensar e atuar na sociedade, entre outros.

Segundo Leffa (1988), geralmente é dada à metodologia uma importância maior do que esta realmente possui. Até que ponto a metodologia faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem? Isto é um fator que ainda não foi estabelecido no ensino de línguas. O aluno não deixará de aprender por causa de uma metodologia fracassada abordada pelo professor. Ele buscará apoio em outros fatores que possam auxiliá-lo a encontrar um caminho seguro.

E com certeza, aparecerão variáveis como visão de educação, de homem e de mundo e as habilidades e conhecimentos que lhe proporcionarão sucesso na ação efetiva pedagógica em sala de aula. Para tal, seria conveniente ao professor aprender a lidar com tais situações de forma eficiente, pois estas o ajudarão a buscar novas soluções ou talvez até mesmo a encontrar uma forma de transformar ou adaptar alguns dos métodos já existentes que se apresentam inadequados para certas situações de abordagem.

A formação continuada é o caminho certo para que os professores possam encontrar soluções para os seus problemas com o processo ensino/aprendizagem. Suas interpelações poderão ser respondidas, contribuindo para um entendimento e um conhecimento mais amplo. Seu poder de criatividade e raciocínio facilitará sua interação com os alunos, proporcionando maior produtividade em seus trabalhos acadêmicos.

Todo aluno deve aprender o que o professor ensina em sala de aula, mas em situações extremas, ele deve aprender a adaptar, transformar, extrapolar os limites para que uma determinada situação seja solucionada da melhor maneira possível. Para isso, a leitura, a pesquisa, os exercícios diários, a assiduidade tornam-se imprescindíveis.

As inquietações fomentam possíveis indagações e, por conseguinte, provocam a criatividade para alcançar os objetivos da aprendizagem. Segundo Freire (2001), compreende-se a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta e faz parte do fenômeno vital. Ainda aponta que não há criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos.

Leffa (1988) afirma que é indispensável que os professores conheçam, a princípio, os diferentes métodos pelos quais se pode aprender uma língua estrangeira; para isso, é necessário que haja uma terminologia adequada.

Ouvimos frequentemente depoimentos de egressos de cursos de graduação em que línguas estrangeiras são ministradas que, com certeza, vão buscar um instituto ou escola de línguas particular para complementar sua formação acadêmica. Esse fato se deve à falta de assimilação dos conteúdos por parte dos graduandos.

De certa forma, isso proporciona credibilidade aos institutos e escolas de línguas que, por sua vez, buscam renovar, atualizar seus professores, incentivando-os a buscar uma formação continuada, implantando novas tecnologias que visem a complementar a eficácia da prática pedagógica dos professores, objetivando uma melhora contínua no processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, a demanda pelas aulas VIP, um aluno por sala de aula, tem aumentado bastante no ensino de línguas estrangeiras, com foco na abordagem instrumental dos diversos campos das ciências, tendo por finalidade preparar candidatos para os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Isso ocorre também com cursos rápidos para viagens de turismo e fins empresariais.

No entanto, essa demanda exige professores bem capacitados para ministrar os diversos campos exigidos pelos candidatos. Nesse caso, o uso dos diversos métodos e/ou adaptações, modificações e improvisações são indispensáveis.

Não devemos adotar um único método de ensino para todos os alunos. O esperado é que o professor, através de sua experiência, possa, adequar um método que solucione as dificuldades dos alunos sem a descaracterização dos métodos anteriormente utilizados. A busca pelas soluções é incessante. O professor deve observar sempre a metodologia mais adequada para atender às necessidades de aprendizagem de cada turma. Como exemplo, podemos citar uma sala de cursinho preparatório para o vestibular, onde se encontram cerca de 70 ou mais alunos.

Com isso, deduz-se que a escolha de um método eficiente para a aprendizagem de uma língua estrangeira, nesse caso, seja a abordagem instrumental, pois esse método tem mostrado maior eficácia na leitura, compreensão, análise e interpretações textuais. Outro método não traria maior proveito devido ao objetivo do momento: prestar vestibulares e/ou concursos. E para tal situação, outro método qualquer não seria sensato, até porque não é exigido nenhum conhecimento de comunicação oral e, além do mais, o tempo para esse tipo de estudo geralmente é curto.

Nos colégios estaduais, municipais e particulares, há cerca de 50 alunos por sala. Para esses alunos, os professores fazem abordagens diversas, porém predomina ainda o uso instrumental, que objetiva os anseios dos futuros vestibulandos com uma pequena demanda de concursantes em áreas diversas em nível municipal, estadual e federal.

Nesses casos, tem-se a opção do inglês ou do espanhol. Atualmente, um grande número de instituições já está oferecendo os dois idiomas no currículo escolar, como uma forma de facilitar aos estudantes uma escolha por ordem de facilidade ou de afeição. Nas faculdades e universidades, esse número de opções é variável de curso para curso. Porém, a exigência é maior, e também a obrigatoriedade de se estudar as quatro habilidades instituídas: compreensão leitora e auditiva, expressão oral e escrita, cruciais para a aprovação durante os períodos em que se têm a disciplina.

Contudo, professores e alunos, em uma situação harmoniosa, poderão encontrar os caminhos necessários para a utilização correta dessa tão cobiçada metodologia.

A forma adequada pela qual uma determinada pessoa adquire tais ensinamentos é algo muito pessoal. Cabe a cada profissional da educação ser capaz de escolher a melhor maneira de traçar seus procedimentos e atitudes para garantir aos seus discentes uma aprendizagem eficaz, fácil de ser compreendida, prazerosa na interação e repleta de saberes.



A aprendizagem é apenas uma questão de querer ensinar e querer aprender. Depende exclusivamente do interesse das partes envolvidas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não podemos dizer que já foi encontrada uma metodologia única e perfeita, que possa atender a todas as necessidades dos docentes. Mas as metodologias existentes, se bem empregadas, podem contribuir para o processo ensino e aprendizagem, e sua escolha deve ser feita com prudência, para nortear os objetivos que se deseja alcançar, sabendo como interagir com o número de alunos em sala de aula.

Um fato que se faz necessário comentar aqui é que nenhum professor é capaz de repetir as mesmas ações e métodos que foram aplicados em uma aula de uma determinada turma da mesma série consecutivamente. Mesmo que se forneça ao professor tudo o que ele possa desejar para a sua comprovação: gravar, filmar, utilizar tecnologias avançadas, materiais didáticos, cadernos utilizados na aula anterior ou outro dispositivo qualquer, inclusive a participação de alguns alunos da outra sala. Isso porque que cada turma tem seu perfil e suas necessidades de aprendizagem. Pode-se aplicar o mesmo método em várias turmas, porém os resultados de aprendizagem certamente serão diferentes.

Isso nos faz crer que uma metodologia não pode ser fixa e, sim, dinâmica, para as diversas situações e desafios enfrentados por um professor no seu dia a dia de prática profissional. Ao contrário, uma metodologia sofre as variações dos diversos fatores e ambientes e é, por sua vez, efêmera.

Todo processo ensino/aprendizagem nos leva a refletir que a versatilidade que o profissional deve adquirir ao longo de sua prática é, com certeza, a manutenção de uma formação continuada, que o incentive a uma aprendizagem constante, que o leve a aprender com eficiência a adaptar, a modificar, a promover processos reflexivos de aprendizagem, exercendo, assim, a função de um docente capacitado.

Quanto à metodologia utilizada, espera-se que sejam usados todos os recursos e procedimentos, com suas respectivas técnicas cabíveis dentro do nível universitário.

Nos institutos e escolas de línguas, os grupos são menores. Sistemáticamente são utilizados todos os métodos conhecidos ou mesmos arranjados no intuito de facilitar o estudo



de quaisquer que sejam as línguas estudadas, visando a uma aprendizagem rápida, de forma agradável e efetiva.

Segundo Galeffi (2001), a solução é buscar sempre uma *metodologia própria e apropriada*. Própria, por ser a síntese da produção desses sujeitos da aprendizagem e da informação; e apropriada, porque é adequada ao contexto e, principalmente, porque os seus autores já a aprenderam conscientemente.

Conclui-se, desse modo, que a metodologia de ensino de línguas estrangeiras não possui um processo estático, sua utilização demanda versatilidade dos profissionais na dosagem da mistura dos métodos, adequando-os de acordo com o perfil de seus alunos de forma prazerosa para ambos: professores e alunos. Este é o papel principal do professor: proporcionar um processo de ensino e aprendizagem com capacidade, qualidade e, acima de tudo, com ética.

Assim, conscientes de que a Metodologia é o estudo de métodos, ou então, as etapas a seguir num determinado processo, e que tem como objetivo captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar sua capacidade, potencialidade, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização, este artigo deixa claro que cabe a cada profissional de educação buscar métodos eficientes que possam ajudá-los a traçar caminhos seguros, com o propósito de transmitir informações, explicações, soluções, conduções de um conjunto de regras para alcançar os resultados objetivados no processo ensino e aprendizagem para a formação continuada do professor.

## REFERÊNCIAS

BROWN, H.D. *Teaching by principles: an interative approach to language pedagogy*. San Francisco, Longman, 2001.

CHAGAS, VALNIR. *Didática Especial de Línguas Modernas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ª Edição, 1982.

CHAVES, Carla. *O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: Para inglês ver ou para valer?* 2004. p. 5 – Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra 2001.

GALEFFI, Dante Augusto. *O Ser-sendo da Filosofia*. Salvador: Edufba, 2001.

GERMAIN, C. *Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: Clé International, 1993. (Col. Didactique des langues étrangères).

HIPOLITO, Oscar. – Disponível em: <http://consultoriadecarreira.com/2011/05/05/indices-de-desistencia-da-universidade-so-aumentam-no-brasil/> , O gargalo do Ensino Superior brasileiro. Acessado em 14 de julho de 2012.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *An introduction to second language acquisition research*. London: Longman, 1991.

LEFFA, V. J. Metodologia no ensino de línguas. In: BOHN, H. I. e VANDRESSEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O Ensino de Língua Estrangeiras*. Florianópolis. Ed, da UFSC, 1988.

LEFFA, Vilson J. *O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional*. *Contexturas*, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

MACHEY, William, F. *Language Teaching Analysis*. London, Longman, 1965.

OLIVEIRA, de, Luiz Eduardo Menezes. *A historiografia brasileira de literatura inglesa: uma historia do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)* – Campinas: Unicamp/Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 1999.

PRATOR, Clifford H. The cornerstones of method. In. MURCIA, M.C., McINTOSH, L. *Teaching English as a Second Foreign Language*. Newbury House Publishers. 1979. p.5-16.

PUREN, C. *Histoire des méthodologies*. Paris: Nathan; Clé International. (Col. Didactique des langues étrangères). 1988.

STEPHEN, Krashen . Disponível em:

<http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/SLA/Krashen.htm>, *Krashen's Theory of Second Language Acquisition by Vivian Cook*. Acessado em 04 de abril de 2011.



Universidade Federal do Rio Grande do Norte. – USP. CESTARO, Selma Alas Martins. *Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia*. São Paulo: Videtur, 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm> . Acesso em 04 de abril de 2011.